

"(...) Agentes públicos que se deixam corromper, qualquer que seja a sua posição na hierarquia do Poder, e particulares que corrompem os servidores do Estado, quaisquer que sejam os meios empregados e as vantagens indevidamente oferecidas, prometidas ou entregues, sendo irrelevante, para efeito de configuração típica do crime, a destinação que lhes seja ulteriormente dada, quer para satisfazer necessidades pessoais, quer para solver dívidas de campanhas eleitorais, quer para praticar atos de benemerência, são eles, corruptos e corruptores, os profanadores da República, os subversivos da ordem institucional, os transgressores da ética do Poder, os delinquentes do Erário, que trazem consigo a marca da indignidade e portam o estigma da desonestidade.

Não foi por outra razão, Senhor Presidente, que as Ordenações do Reino - **Afonsinas** (1446), **Manuelinas** (1521) e **Filipinas** (1603) - **sempre** cominaram penas gravíssimas a quem **transgredia** os vetores ético-jurídicos **que pautavam** as relações **entre** os agentes do Poder e os particulares, **refletindo**, nesse ponto, as **concepções** legadas pelo Direito Romano.

O ato de corrupção, Senhor Presidente, **era considerado, então**, como ainda o é, **um gesto de perversão** da ética do poder e da ordem jurídica, **cujá observância se impõe** a todos os cidadãos desta República **que não tolera** o poder que corrompe **nem admite** o poder que se deixa corromper.

Quem transgride tais mandamentos, **não** importando a sua posição estamental, **se patrícios ou plebeus, governantes ou governados, expõe-se à severidade** das leis penais **e, por tais atos**, o corruptor e o corrupto **devem ser punidos, exemplarmente**, na forma da lei. (...)."